

VERDADE, SER E LINGUAGEM: NOTAS SOBRE MARTIN HEIDEGGER E FRIEDRICH W. NIETZSCHE

*TRUTH, BEING AND LANGUAGE: NOTES AROUND
MARTIN HEIDEGGER AND FRIEDRICH W. NIETZSCHE*

Renato Marcelo Resgala Jr.¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma intervenção crítica, a partir de uma práxis hermenêutico-filosófica e com base em dados histórico-culturais, acerca do conceito de verdade em relação à linguagem (como meio da expressão humana), à identidade (instrumento fundamental para as formações cultural, moral, histórica e social dos homens) e ao ser (entendido sob uma perspectiva plural, na qual o homem, com suas identidades polivalentes, é a multiplicidade em que se jogam as identidades morais e culturais, na luta pelo poder, pela estruturação e continuidade da ordem hegemônica). A possibilidade de se falar sobre a verdade, apoiada na filosofia de Nietzsche, é circundada por determinantes que modelam o próprio questionamento sobre a verdade - numa linha de raciocínio, se se busca a verdade, busca-a num processo de pesquisa, então, pela sua essência e pela sua origem, aprioristicamente. Dessa forma, esse artigo discutirá, não somente o que seria a verdade (sob um prisma filosófico e cultural), mas também como jogam os seres nas múltiplas possibilidades de verificação do uso, do valor da verdade, entendida, pois, como discurso, como poder de linguagem. Há, assim, uma investigação do pensamento crítico empreendido por Martin Heidegger, tendo como texto-base “Vom Wesen der Wahrheit” (Da essência da verdade), de 1933-1934, no qual busca as origens do que sejam as próprias conceituações de essência e de verdade, em relação à linguagem e à arte, remetendo-se, por vezes, à cultura filosófica grega, através de uma análise do discurso mítico da caverna de Platão.

Palavras-chave: Ser, Linguagem, Pensamento, Verdade.

Abstract

This article has as aim an introduction of some critical interventions, in a hermeneutic and philosophical praxis supported by historical data, about the concept of Truth in relation with the Language (as way of human expression), the Identity (fundamental tool for a cultural, moralistic, historic and social human formations) and the Being (understood in a plural perspective, in which the man, the being, with his polyvalent identities, is the multiplicity, in which the moral and cultural identities play together, in a fight for increase of power, for the structuration and the continuity of hegemonic order). The possibility of talking about Truth, supported by Nietzsche's philosophy, is surrounded by determinants which organize the own questions of Truth - in a way. If somebody searches for Truth, searches it in a researching process, so, searches for its essence and its origins, firstly. In that way, this article will discuss, not only what would be the Truth (in cultural and philosophical prisms), but, certainly, how the beings play in multiple possibilities of usual verification of the value of the truth, understood as a discourse, as the power of language. There will be an investigation of Martin Heidegger's

¹ Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura - UFSJ.

critical thought, mainly on his text “Vom Wesen der Wahrheit” (The Essence of the Truth), written in 1933-1934, text in which he searched the origins of some concepts, as essence and truth, in relation to the language and the arts, forwarding the Greek philosophical culture through an analysis of the mythical discourse of Plato’s cavern.

Keywords: *Being, Language, Thought, Truth.*

INTRODUÇÃO

É muito bom exprimir imediatamente uma coisa duplamente e lhe conferir um pé direito e um pé esquerdo. A verdade pode, é verdade, manter-se num pé só, mas com dois pés ela poderá caminhar e seguir seu caminho. (NIETZSCHE, 2007, p. 45)

Este trabalho tem como norte a *verdade*.

Dizê-la é, pois, já indicar o próprio caminho que seguirá o decurso desta investigação, cujo objetivo não é, infantilmente, encontrá-la, a verdade, mas fazê-la falar em sua constituição significativa, em seu jogo com a cultura, com a moral, com a história e com a linguagem que são, de fato, o berço, o lugar e o leito da própria verdade.

Tentar-se-á não apresentar prévias soluções sobre a questão-chave (“O que é a verdade?”), porém, interpretar e possibilitar uma leitura acerca da relação da verdade para possibilidades hermenêuticas de entendimento conceitual, perpassando por autores contemporâneos e tradicionais do pensamento filosófico.

Assim exposto, três etapas se seguirão: a) primeiramente, se efetuará uma análise do conceito de verdade, tendo como ponto de partida a conceituação de o que seja a essência da verdade em Martin Heidegger, em conexão com termos específicos da filosofia heideggeriana, como o termo *Seiende* (*sendo* ou *ente*²) e a questão do Mito da verdade, na alegoria platônica; b) em um segundo momento, determinar-se-á a relação entre verdade e a própria formação - cultural, moral e educacional - do ser, no que concerne a questões acerca da construção da identidade cultural por meio da linguagem; c) na terceira fase dessa pesquisa, apresentar-se-á uma interpretação dos conceitos centrais da crítica heideggeriana acerca da narrativa filosófica do Mito da Caverna de Platão, como referencial basilar histórico-filosófico para o entendimento do jogo discursivo cultural que vem com a conceituação de verdade: entre o desencobrimento (desvelar) e a correção (formar).

De fato, o leitmotiv da verdade é uma necessidade para a essencialização das coisas, dos seres, do mundo (haja vista as criações múltiplas reconstruídas e reinventadas no decorrer dos processos históricos) e para uma ressignificação da vida. Pela verdade, o homem faz a sua rotina.

Por isso tal tarefa se dá, também, feito arriscado empreendimento crítico, assim como necessário dever filosófico: falar da *verdade* é discutir os trâmites da vigência da vida em sua existencialidade, i.e., entender como os seres agem na realidade do mundo (as múltiplas moralidades imanentes, os costumes, as ações, os pensamentos, os desejos, as vontades) e compreender como as modificações da

² Há uma variação nas traduções para o português, em edições nacionais das traduções da obra de Heidegger. Nesta pesquisa, observou-se uma variação entre a tradução de HEIDEGGER (2012) para HEIDEGGER (1965), por exemplo, em que *Seiendes* pode vir a ser escrito como *ente* ou *sendo*, por vezes, até, *ser*.

realidade, traduzidas em discurso (linguagem), de caráter social, cultural, político e histórico dialogam com as práticas de vivência e experiência humana.

No interregno entre o Ser e a vida no mundo-aí, a verdade se revela em suas pluralidades simbólicas, polivalências significativas e intermitências conceituais. Talvez, por isso, a complexidade de se falar, afinal, do que seja a verdade, por sua extensa abertura significativa a partir das concepções contemporâneas sobre o homem, o ser e a vida.

Para se falar da verdade é primeiro preciso falar do ser, da possibilidade de se pensar numa *essência do homem*, num sentido que dê a *existência da vida* - para que serve a verdade a não ser para mudar o próprio ser?

Desta forma, partamos de uma discussão filosófica com termos basilares do pensamento grego tradicional à crítica filosófica de Martin Heidegger, de modo a empreender um diálogo interdisciplinar sobre o pensar a verdade.

A VERDADE DA ESSÊNCIA DO SER

Quando se questiona sobre a *verdade*, todo ato de questionar traz já consigo a pergunta fundamental sobre a própria essência da verdade (por extensão, a pergunta fundamental direciona-se às essências das coisas da vida, dos seres, do mundo da vivência). Dessa forma, a verdade está no tempo de sua presença, tempo este mutável, maleável, discutível, trôpego, hamletianamente 'out of joint', fora dos eixos: nada menos que o próprio tempo múltiplo.

A verdade é inquirida já na base da pergunta por ser o que ela é: se se pergunta pela verdade, pergunta-se pelo o que ela é, logo, pergunta-se qual seria seu ser, seu valor, como se formaria e qual seria a sua essência no tempo da sua própria existência. Por quê? Porque a verdade (as verdades) possui essência e existência espaço-temporais, enquanto um discurso contextualizado.

Inescapável, o questionamento se abre: circundam-se, à questão em si, indagações sombrias: o que se quer com a verdade? Com que direitos ela se formula? Quem constrói o modelo de realidade (de apresentação-exposição da verdade) para os homens, para os seres? A que preço se forjam as formas (morais, éticas, educacionais e cognitivas) da verdade? Qual o preço que custa a formatação da cultura nessa história de dominação? Qual o papel do intelectual na leitura da verdade do mundo, mas do mundo que se abre desse *por detrás*? Em outras palavras, como se jogam as contemporâneas formas dos discursos da verdade (em todas as comunidades do mundo, a linguagem da verdade deixa seus rastros e traços na grande história da humanidade: do extremismo religioso, em suas muitas máscaras, das manipulações políticas contemporâneas às grandes evoluções - revoluções - tecnológicas e culturais)? Quais são os - eternos dinossauros do Poder! - abastados que ganham com essas verdades inventadas e facilmente (pelas elites corruptas) manipuláveis? Será que é ao ser que a verdade tem seu direcionamento ou à manutenção da própria ordem pelo discurso forjado de uma verdade jaz cristalizada?

Com todas essas questões, a pergunta central parece propícia nesse momento: afinal, o que é a verdade? No entanto, sua resposta é difusa, complexa, hermética e cheia de traições dos sentidos, os quais levam, às mais das vezes, à desorientação e à contradição, ambas geradas por interpretações equivocadas. Disso, nossa mídia contemporânea de massas sabe e consegue, habilmente, manipular.

Essa pergunta assombra a humanidade, há séculos.

As guerras, os genocídios, os assassinatos, os crimes hediondos, as cenas de deturpação, a corrente corrupção, a cruel vilania nas ações, a mortal alienação, com a conseqüente destruição em massa e o terrorismo multifacetado são, comumente e entretempos, braços e pernas da completa ignorância humana que se estendem embasados em ideais unilaterais, sectários, exclusivistas e demarcados pela vontade de violência para com o ser - para com o outro - pela sua diferença, pela sua *desigualdade* em face das 'exigidas' vigentes verdades sociais. A história das ditaduras na América Latina traduz o que se disse anteriormente.

Ad exemplum, a criminalidade transfigura-se em multifacetados ataques não somente aos indivíduos, aos homens em geral, mas ataques à liberdade do direito de existir.³

Vive-se a era a dialética da sobrevivência da vida urbana, pois a verdade se dá num palco de uma luta (de uma guerra introspectiva e no terror da variedade de disputas existentes) entre o ser-aí e a realidade vigente do mundo.

O poeta das ruas, Criolo, assim, vem dizer, em paralelismo simbólico com *Construção*, de Chico Buarque de Hollanda:

“Ir pro trabalho sem levar um tiro
[...] voltar pra casa sem levar um tiro [...]
os saraus tiveram que invadir os botecos
pois biblioteca não era lugar de poesia
biblioteca tinha que ter silêncio
e uma gente que se acha assim muito sabida [...]”⁴

Por uma verdade mata-se, por uma verdade também se morre⁵.

³ Também, de certa forma, um ataque violento contra toda a humanidade em sua prática de viver: um assassinato é o resultado *conveniente*, hoje, de uma máfia - do narcotráfico às empreiteiras e suas conexões políticas corruptas - que deixa muitas armas chegarem a comunidades que são - severamente - dominadas à base do medo - a atual disputa territorial, econômica e por dominação entre milicianos, a segurança pública e o narcotráfico, nos grandes centros como o Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belo Horizonte.

⁴ Disponível em: <<https://youtu.be/utJENUg2NJ4>>.

⁵ Não só se pense, isoladamente, em guerras históricas e chacinas maquinadas, arquitetadas e levadas a cabo pela dominação de uma elite sempre aristocrática-ditatorial-religiosa (do Egito Antigo até agora). Basta correr os dedos pela Internet, num canal comunitário como Youtube.com, que encontramos a propagação - livre, aberta e acessível! - de ideais nazistas; por exemplo, (que se disseminam, o mais das vezes, em comentários, em posts, imagens etc., abrindo-se pelas páginas online em blogs, canais de comunicação, e.g., <https://www.youtube.com/user/CanadianNATSOZIParty>). Pode-se, ainda, afirmar que a mesma *prática de inserção e manipulação* pelos meios de comunicação sociais de alcance global vale para os jihadistas e membros do Estado Islâmico que, atualmente, utilizam desses meios de informação tecnológicos (redes sociais virtuais e aplicativos de celulares), num processo de sedução do poder, mas sempre a camadas mais desfavorecidas educacional, econômica e culturalmente, corrompendo, por meio de um discurso interpretativo religioso inventado por aqueles que dominam, pelo poder da palavra, jovens negligenciados pela política de exclusão do emigrante na França, aprisionados em comunidades periféricas (meninas ainda adolescentes, menores legais: o documentário 'A engrenagem', transmitido pelo canal Globonews, a primeira vez, em 09 de setembro de 2015, dois meses antes do ataque a Paris de 13 de novembro de 2015, apresenta o *modus corrompendo* de abordagem, sedução e doutrinação pelos fundamentalistas do Estado Islâmico).

Numa outra perspectiva, entende-se que a verdade é o que a realidade (na vigência de ser a realidade dos seres) dá - oferta, oportuniza, seleciona, qualifica - em sua condição (cultural, moral, temporal e espacial) de ser real, i.e., o que o real (em sua múltipla formação e em seu plural condicionamento das realidades de vida) possibilita, fornece, faz vir à vista e representa é a verdade perceptível. Vejo, logo é real.

Nessa linha, percebe-se que a verdade é o entendimento (na medida em que será também um processo de desvelamento, assim como, um princípio para o mecanismo de formação cultural) do que seja, ao homem, 'primordial' (ou do que pressuponha ser primordial a cada ser) em sua vida, como as ações em que se sobressaem as realizações na conduta social (pelos processos organizacionais, burocráticos, legais, educacionais, morais, políticos e culturais) da vida humana.

É com a verdade - enquanto linguagem, enquanto discurso, enquanto vontade de poder, inventada, forjada e manipulada desde a sua conceptualização, interdependendo do contexto - que se constroem a estabilização moral (comportamental, cultural e social) da vida e o *establishment* da ordem social (a moralidade, a lei, a ordem vigente).

Nas palavras de Nietzsche (2013, p. 111) "Error veritate simplicior", o erro é considerar a verdade simples. Com o discurso da verdade, o homem elabora e organiza as esferas sociais que o formam (no sentido educacional-cultural-social) enquanto ser. Quanto de vontade de poder e desejo de dominação não há por detrás de cada ato de elaboração e organização do homem? Quanta manipulação e violência, que foram senão armas para essa elaboração e organização da vida do homem?

Em seus contextos culturais de inserção histórica e em seus atos de linguagem e de discursividade (nos quais está sobreposto e visível, indubitavelmente, o extrato ideológico que determina o *quantum de poder* de cada envolvido - por exemplo, numa conversa entre um gerente e um subordinado, numa empresa), a verdade aproxima os seres, quando condiz com a práxis da vida humana, e os afasta, à medida que se distancia, por vezes, também, das realidades existenciais dos envolvidos nas interações sociais (pela verdade financeira, *in casu*, somos delimitados - isto é fato).

Pensando de outra forma, a verdade está no meio: a verdade germina nos contextos múltiplos de inserção cultural, pois está e é diluída no imaginário social, tornando-se visível (à luz, à vista, tal como *fenômeno interpretativo moral*, pois não há fenômenos morais, fenômenos que nascem já com a *moral-em-si*, mas uma moralidade na interpretação dos fenômenos⁶) e tracejada pelas linhas da vontade de poder⁷ que circunscrevem a história do mundo, deixando-se ficar imiscuída em toda e qualquer singular forma de existência e abrindo-se (nas suas máscaras e formas variadas) em constructos ideológico-identitários que moldam os seres, os quais permeiam e se fazem presentes na própria sociedade pela sua identificação com as precisas e necessárias 'verdades do momento': a indústria da moda reconhece essa humana valoração.

'Afinal, o que é a verdade?' é pergunta que traz consigo um estado significativo em sua constituição simbólica: um jogo interpretativo inicia-se, em que, do termo 'afinal' à própria palavra 'verdade', começam a se estruturar, no fluxo, os sentidos, as marcas das identidades do ser e as diferenças do pensar (ideologia e cultura). Ao se falar, ao se indagar mesmo sobre a verdade, inquirir-se com toda a potência das múltiplas identidades culturais que habitam o ser que a inquirir em si. Se eu pergunto,

⁶ Cf.: NIETZSCHE (2013, p. 115).

⁷ Vontade de Poder que se apresenta como uma emanção da vontade de vida do ser: há vontade de poder para dominação, vontade de domesticação e a vontade de vida livre em fluxo constante. Cf.: HEIDEGGER, 2010.

pergunto com toda a minha existência em jogo pela discursividade da linguagem. A identidade é um dos termos mais complexos de todo o vocabulário, em quaisquer línguas, sendo de uma gama de plurissignificação. Pensando na identidade, enquanto essência do ser-aí (Dasein), ela é o rastro da moral e da cultura, que emana do sendo na existência em sua presença para com o mundo. Há uma passagem histórica da conceituação de Identidade, que vai de uma visão Absolutista dominatória, perpassando por uma visão sociológica (positivista-determinista) da construção das identidades do ser, até à contemporaneidade, a qual emplaça a identidade como múltipla, demarcada pela sua polivalência, pluralidade e mutabilidade (contextual, em jogo contínuo de suas significações). Para maiores abordagens sobre a história do conceito de Identidade até à contemporaneidade, o breve e correlato estudo “A identidade cultural na pós- modernidade”, do professor Stuart HALL (2006), um dos nomes mais importantes dos Estudos Culturais no final do século XX, traz significativas colaborações.

O homem busca - para si, para moldar o seu ‘em si’, dar contornos à imagem de seu ser - o que é a verdade, mas no jogo de sua individualidade. O que é a verdade para o ser, para o homem, em seu momento de vivência, em seu momento de covigência com a alteridade (a eterna dialética do eu e do outro)?

A verdade está no aí, no mundo-aí, na essencialização (mutável, incerta, descontínua) do ser, do homem, ou melhor, a verdade “é a posse e propriedade do bom-senso humano” (HEIDEGGER, 2012, p. 132). Há inúmeros questionamentos que podem ser levantados com este termo “bom-senso humano”, no jogo de moralidade que envolve cada idealização do homem, do ser. No entanto, percebe-se, também, que a verdade se refaz no *sendo* de cada ser, em seu momento de vivência: a verdade em suas multiplicidades se apresenta na experimentação do, com e no mundo - o que Heidegger (1965), à esteira de Nietzsche, denomina de *mundanização*: uma interpretação da relação do ente, do ser no estar-se em vigência com o(s) ser(es) outros em existência no tempo verdadeiro da vida visivelmente real. Vale ressaltar, nesta nota, que a filosofia de Nietzsche tornou-se referencial e de nítida influência no pensamento de Martin Heidegger, que produziu, entre tantos estudos, uma análise sobre os temas fundamentais da filosofia nietzschiana, como um dos braços de resistência filosófica ante a tradição platônico-cristã que, numa perspectiva histórica, imaginou e desenhou a estrutura moral (cultural, social etc.) do ocidente

Apenas assim, nesse intermeio do processo de viver e existir no aí, no mundo em transformação, o homem, com o vigor que se torna em potência de sua existência, move-se na realidade, vivencia a verdade, interage com o mundo e recria os próprios espaços culturais: o homem, com a verdade no horizonte de si, reinventa suas múltiplas essências de seu ser.

No texto, que traz o substrato teórico de seu curso de inverno, ministrado entre os anos de 1933 e 1934, sob o título de “Da essência da Verdade” (*Vom Wesen der Wahrheit*), o renomado professor da Universidade de Freiburg, considerado um dos nomes-chave do existencialismo filosófico (por pensadores importantes da história contemporânea filosófica, como o de Jean-Paul Sartre e Jacques Derrida), Martin Heidegger⁸, apresenta, como cerne orientador de seu questio-

⁸ Martin Heidegger nasceu em 1889, em Messkirch, Alemanha, e faleceu em 1976, na mesma cidade. Foi filósofo, professor e, posteriormente, nomeado reitor da Universidade de Freiburg (o que o aproximou, efetivamente, do movimento nacional-socialista na Alemanha de Hitler - uma grande ambiguidade: de um lado há, pois, uma filosofia existencialista, investigativa e crítica; de outro, a sedução do homem Heidegger pela movimentação política nazista - para isso o documentário da BBC de Londres, *Heidegger: human all too human*, de 2015, traz à tona uma série de pesquisas que correlacionam o filósofo ao na-

namento, o valor conceptual da palavra verdade em sua relação com a essência, com a existência e com a vivência humana.

Qual é o pressuposto que guiará Heidegger? O filósofo atua sob a perspectiva de que há uma passagem conceitual do termo *verdade* dentro da teoria filosófica: entrelaçamento da interpretação terminológica como **Ἀλήθεια** (aletheia, a verdade desencoberta) e como *Adequatio* (correção, enquanto o bem, o certo, o justo, o correto, o ideal).

Nosso conceito de verdade e o conceito grego da verdade tiram sua respectiva *inteligibilidade intuitiva* de áreas e *conjunturas* de relações *intuitivamente diferentes*. **α-λήθεια, descobrimento, provém do feito e do fato de encobrir, velar**, respectivamente, desvelar, descobrir. ‘Correção’ provém do feito e do fato de reger uma coisa *por* outra, de *medida* e *medir*, ‘Desvelar’ e ‘medir’ são feitos e fatos inteiramente diferentes (grifos do autor) (op. cit., p. 111)

Nesta cena teórica, ao centro de toda discussão, há, subliminarmente, a questão sobre a formação cultural do homem no constructo do pensamento ocidental (*Bildung*, no sentido de orientação e formação educacional, de construção do imaginário cultural e do aporte teórico que solidifica o ensino - suas leis, escolhas temáticas, formas, símbolos, relações de causa-efeito, métodos, temas etc. - e todo o modo de raciocínio). Assim, o que se discute com a verdade e sua conceptualização é a própria questão da formação moral do pensamento ocidental, trabalho que Heidegger executa por meio de sua argumentação filosófica decisiva: onde começar, senão pela história grega da verdade?!

A questão fundamental sobre a verdade deve começar pelos gregos, na investigação acerca da linguagem do **μῦθος** (*mithós*), a qual vem imiscuída e diluída em toda a tradição da filosofia socrático-platônica.

Heidegger se colocou na incumbência de realizar a tarefa de inquerir até às raízes (*ursprung*) da concepção da palavra *verdade*.

Num real jogo de essencialização⁹ do ser, a verdade possui qualquer conexão com a existência? De que forma isso se daria? Qual a essência da verdade nesses jogos da vida humana? Se se diz que a verdade tem essência, então, ela é essencial a quem? A verdade tem um começo, uma origem? Qual a origem da verdade? Qual é essa essência da origem da verdade? Aliás, quem é que pode dizer o que é verdade? Quem é que assegura que o que seja verdadeiro seja bom, belo, justo, correto? Como a verdade se fez de conceito (**ιδέα**) à ordem social? Quem saiu beneficiado com essas transformações (manipulações, forjas semânticas) do conceito de verdade?

cional-socialismo). Tomando uma perspectiva a partir do texto e dos estudos de Heidegger, constata-se que há a presença de leituras e referências a grandes pensadores da linguagem e da cultura: estes ensaios e pensamentos de Heidegger, cada vez mais, vêm sendo recuperados nos estudos contemporâneos de Literatura e Filosofia da Linguagem.

⁹ Como afirmou NIEZTSCHÉ (2013, p. 116), “a ‘essência’, a ‘essencialidade’ é algo perspectivístico e já pressupõe uma pluralidade”. Portanto, quando se designa à essencialização do ser, à essencialização da essência, à essencialização da verdade, Heidegger, um dos grandes teóricos da filosofia nietzschiana, remete seu discurso à possibilidade da pluralização (ao fator perspectivístico da palavra *essência*, assim como da palavra *verdade*), no que tange à terminologia e sua ressignificação contextual. (Cf. HEIDEGGER, 1965, pp. 101-118)

Para isso, falam exaustas a história da religião e a história dos reinos fundados e arrematados, do Ocidente ao Oriente, do Cristianismo, do Judaísmo, do Islamismo ao Budismo, com toda a potencialidade histórica (de dominação social), fazendo-se presente, dubiamente, entre as práticas de caridade (instinto de arrebanhar e dominar pela exclusão, pela necessidade presente na vida do outro), as inúmeras guerras santas, o terrorismo e os desumanos atos de extermínios, em prol de um poder: dominar o todo, fazendo da multiplicidade uma unidade - de novo, a história sobre o homem que se volta a um ideal do Uno indivisível.

Aliás, os gregos tinham tempo para a verdade e sabiam indagar o que era o *verdadeiramente* viável a seu mundo social e cultural - para se pensar na verdade tem que se começar pelos gregos. Por quê? Porque os gregos inventaram (formalizaram uma visão educacional-moralista) o que se conheceu, por séculos, como 'verdade', assim como formularam, moralizaram e moldaram, com sua retórica da lógica argumentativa (**λόγος**, leia-se *lógos*), valores significativos, valores que se solidificariam como pedras-fundamentais da vida social, como os conceitos de Bem (**Αγάθός**, leia-se *agatós*) e de Belo (**καλός**, leia-se *kalós*). Ouça-se o que diz HEIDEGGER (2001, p. 110):

Sem dúvidas nós compreendemos provisoriamente o significado da palavra grega para verdade: desencoberto, não velado, não encoberto. E como fica a palavra de nossa língua: 'verdade'? Que é que, propriamente, entendemos com ela, quando constantemente a pronunciamos? Caso não nos iludamos, temos, sem dúvida, de admitir que primeiro nós nos movemos aí, numa significação, por assim dizer, altamente indeterminada da palavra.

Buscar a essência da verdade é uma tarefa que se apresenta num empreendimento sob mil faces: Heidegger assim procede, pois questiona a própria questão da essência (o que é essência?), qual o valor do verbo e do substantivo Ser (o que é esse *é*? Ser e/ou estar?) e a pergunta pela verdade (a verdade *é*?), que é norteadora da crítica central do seu trabalho. Mas o quê questionar? "De que modo são verdades? São frases, afirmações, penso eu" (op.cit. p. 111). Falar da verdade é falar da presença - da *afirmatividade* - de um processo linguístico¹⁰ contínuo, mutável, maleável, de construção, de representação moral e ideológica que se encena na realidade das vivências humanas, dentro da estruturação contínua do corpo (mutável) social¹¹.

Sob que estrutura a verdade se apresenta? A verdade, em seu meio, se dá como discurso de poder. Entendidos como os constructos simbólico-representacionais - verbais ou não verbais -, marcados pela complexidade ideológica presente com a vida humana, na discursividade da vida humana em suas formas plurais, culturais, ideológicas e políticas, constroem-se as verdades morais que organizam as próprias leis, normas, padrões (o certo e o errado, o bem e o mal, o feio e o belo) que determinam e vigem a sociedade¹².

¹⁰ Fala-se em *processo* como a realização (fenomênica) da consubstanciação do ser (homem, pensamento, ideia, coisa etc.) em estado físico, em condição material, em estrutura conceitual, em jogo ideológico de sentidos.

¹¹ Para maiores aprofundamentos críticos sobre o que é *discurso* e *corpo social*, cf.: FOUCAULT (2010; 2011; 2012).

¹² Entoam-se gritos de guerra a povos miseráveis que, de fato, vivem à míngua sob a ordem de ditaduras policiadas pela religião (o Islamismo, no caso da luta dos EUA no Afeganistão contra os talibãs, após o atentado ao WTC, no fatídico 11 de setembro de 2001). No entanto, ironicamente, nos tribunais, em alguns estados norte-americanos, a mão sobre a Bíblia ou o juramento à honra da palavra (feito a pura verdade) é de vital significação para se efetuar o compromisso com a realidade. O que isto apresenta? A verdade mitificada em determinados meios como confirmadora (*reafirmadora*, no sentido corretivo e punitivo) da realidade e do compromisso social (em outras palavras, nos múltiplos momentos em que se consolidam formas - contratos - sociais que se estabelecem em condições espaço-temporais específicas).

Falar da verdade é compromisso, antes de tudo, para com a lógica da razão e do pensar livre. Esgueiram-se os homens nas suas cordas sobre abismos de ignorância e corrupção (ora forçada, ora desejada; ora inescapável, ora ansiada) na contemporaneidade. Assim, expõe o filósofo o seu princípio para o questionamento a que se propõe:

Questionamos a questão da essência da verdade. Isso significa, primeiro: queremos sondar o que é, pois, a verdade 'em geral', em que 'consiste propriamente' algo assim. Este questionamento da essência da verdade é de fato um empreendimento evidentemente 'profundo' e 'importante!' Ou será mera aparência? Pensemos, de uma vez por todas, que significa refletir sobre a própria essência do próprio perigo, discutir amplamente o conceito geral de perigo e esquecer os perigos reais, não estar à altura de vencê-los. **Para que realizar considerações profundas sobre a honra, elaborar com cuidado o conceito geral de honra - e, ao mesmo tempo, ser de todo sem honra e agir desonradamente? E do mesmo modo: correr atrás da essência da verdade, discutir sobre a estrutura e conteúdo do conceito de verdade -, ao mesmo tempo, desconhecer e descuidar-se do que é verdadeiro[...]** (grifos nossos) (HEIDEGGER, 2012, p. 97)

De outra forma, Nietzsche (2013, p. 43) posicionara-se: "O quanto alguém suporta da verdade? O quanto alguém assume sobre si para se responsabilizar? O quanto alguém assume sobre si pra cuidar e proteger?". O mundo modificou-se, as estruturas sociais, a cultura etc. Consequentemente, a necessidade da verdade também se reinventou. O que entendemos por verdade? A verdade é 'algo-em-si-mesmo' *ad aeternum*? Imutável e imanente? O que é a verdade para um constitui-se no mesmo valor de verdade para outro?

Da revolução industrial do século XIX, perpassando pelas mais variadas guerras (mundiais, fria, territoriais, libertadoras, revolucionárias etc.), pelos anos 90 aos conturbados primeiros anos do século XXI, incontáveis transformações modificaram a vida humana em suas estruturas - da operacionalidade tecnológica ao avanço do progresso da ciência; da ultrapassagem comunicativa de barreiras e fronteiras¹³ com a mídia online às amplas e variadas reformas no comportamento ocidental, pela arte (em especial, a música, a arquitetura, o cinema e a literatura possuem papel fundamental na formação humana); da reestruturação do direito e sua ligação com uma justiça¹⁴

¹³ Para discussões e abordagens mais significativas em torno dessa questão que é, pois, uma análise de ordem filosófica, sociológica e cultural, aconselha-se a leitura de Anthony Giddens e seu livro 'Consequências da Modernidade'.

¹⁴ Não há como se negar que há uma polivalente violência urbana que condena as crianças ao 'cárcere' doméstico obrigatório, ou mesmo à servidão humana, nas fábricas clandestinas de muitos países, cuja economia esteja fadada aos embargos e desvarios políticos. Ao mesmo tempo, debatem-se, por longas horas, em intermináveis sessões, nas muitas assembleias, congressos e encontros espalhados pelo mundo, sobre a legalização de direitos (dentro do preceito da bilateralidade: os diferentes e todos), i.e., de uma efetiva concretização da liberdade dos direitos individuais dos cidadãos (como os contínuos debates sobre a legalização de entorpecentes). A verdade do poder, o discurso da verdade do poder social se faz no burocratismo das câmaras políticas e dos ministérios; ainda assim, a sociedade brasileira, no caso, vem sendo agredida e usurpada com escândalos políticos de corrupção. Ao falar da verdade, deve falar-se da realidade do mundo, sob um olhar, uma perspectiva que se move por meio de experiências de vivência do ser no tempo de sua própria existência no que está-aí. O homem está em contínua reestruturação da verdade de seu ser, em consonância com a sua esfera de contextualização social e cultural - em cada lugar, o homem constrói seu ser, a cada momento a essência está em transformação: dos simples diálogos que agregam os amigos aos debates cruciais à história da nação, como o dos Ministros do STJ no caso do Impea-

da equidade à devastadora e crescente variedade de formas de terrorismos adjacentes (terrorismo religioso, cultural, político, virtual etc.).

Ao mover-se no espaço discursivo da verdade, o homem a cria e a recria, inova-a, adéqua-a, modifica-a, reestrutura-a: o que ocorre é que na linguagem o homem exerce (social, cultural e humanamente) a sua existência¹⁵. A verdade não é um ‘em-si’ já pronto e acabado.

Reitera-se: o homem move-se no espaço-tempo da linguagem, por meio da significação móvel, mutável e plurissignificativa da própria vigência da linguagem.

O que Heidegger suscita, partindo de sua corrente ligação com Heráclito, Aristóteles, Nietzsche e Husserl, é a observação de que *linguagem* é a forma motriz de conexão do homem com o mundo (da ligação do ser com a essência das coisas e dos outros seres - nas suas marcas múltiplas de alteridade). A pergunta é de vital significação para o entendimento da relação: “Como é que a questão da essência da linguagem se articula com a questão da essência da verdade?” (HEIDEGGER, 2012, p. 124). E mais: como se jogam as verdades, em sincronia com a linguagem dos seres, na construção do mundo?

Toda a história cultural e do pensamento ocidental deve sua ascensão no terreno da pesquisa filosófica a Platão (por extensão, Sócrates) e a Aristóteles¹⁶.

Entre o **λόγος** (a lógica do saber; o pensamento, a palavra enquanto *discurso* - linguagem - estruturado pela potencialidade do pensamento lógico) e a **φύσις** (a natureza das coisas e dos seres, a natureza do que é, do que já é, por si, ser; a física do corpo, a matéria da existência, do ser corporal, a presentificação do real¹⁷) age, no jogo da vivência humana, a percepção, nunca já dada, mas como imaginação, construção, visualização, interação, reconhecimento da verdade estruturada com a linguagem.

Numa leitura: veja-se o Sol, o fogo, a luz, o céu, o tempo, o homem, o ser, o pensamento, a essência: O *sol* é uma verdade, o *fogo* é uma verdade, a *luz* é uma verdade, o *céu* é uma verdade, o *tempo* é uma verdade, o *homem* é uma verdade, o *ser* é uma verdade, o *pensamento* é uma verdade, a *essência* é uma verdade, pois estão presentes à luz, clarificados pela iluminação: visíveis.

chment da Presidente Dilma Roussef, em 17 de dezembro de 2015. Sobre e em torno da linguagem da verdade, as estruturas da vida humana se jogam na criação das imagens e sentidos que vêm à percepção da realidade. Real é o que se vê, mas não o que é imutável: ‘certo’ e ‘errado’ são meras valorações perspectivísticas.

¹⁵ Toda linguagem serve ao homem na sua conectividade com o mundo, na sua identificação de vida, sua personalidade; é com a linguagem que se delineiam as marcas existenciais do homem - com a linguagem se mostra o ser-aí ao mundo, se apresenta à vida, ao nascer, ao alimentar-se, ao enamorar-se, casar-se, firmar-se e morrer-se, sob a escrita da memória numa lápide. A linguagem é o *berço* (criativo e novidade) e o *túmulos* (silêncio e introspecção) da vivência humana.

¹⁶ Entre os parágrafos 10 e 24, do primeiro capítulo, da primeira parte de seu curso, Heidegger analisa o mito da caverna de Platão - a alegoria da verdade pelo jogo simbólico dos semantemas (sintagmas, palavras, formas) como Sol, Clareira, Sombra: a verdade é um ir à luz (percepção, visão, sensação etc.) e voltar à caverna - Heidegger na sua estética da destruição questiona a valorização da Essência - da aparência forjada e manipulada - que Platão dá à verdade, em subtração à visão da verdade como intrínseca ao ser para a formação e condução da vida. Heidegger, para se entender o que é a *aletheia* no princípio platônico, passara por quatro estágios de reconhecimento fundamental. Cf. HEIDEGGER (2001, p. 137-194) e PLATÃO (1997, p. 225-256).

¹⁷ Para maiores informações acerca do conceito de *physis* em Aristóteles, em relação à vida humana e à razão da linguagem, o livro “Metafísica”, de ARISTÓTELES (2012), traz já em sua introdução apontamentos esclarecedores.

Com a luz, com a iluminação¹⁸ e o desvelar (a retirada do véu, da escuridão), descobrem-se, não somente uma única e isolada verdade no âmbito de toda a existência humana, da existência do mundo, mas uma pluralidade de realidades possíveis e idealizadas, concretas e desejadas.

A verdade como desvelamento, a verdade como desencobrimento (como percepção e visibilidade do real reside no verdadeiro que é o que está visível, o que o corpo, os olhos veem; o que o ser vê, *percebe, sente*), a verdade como desvelar de algo que, já em si, possui essência e existência, a verdade como conjugação da **φύσις** e do **λόγος** é a herança dos rastros filosóficos delineados pelos clássicos pensadores socráticos a qual moldou toda a história do pensamento filosófico e cultural no ocidente¹⁹.

A verdade é um desvelar e um presenciar das coisas e dos seres (no sentido de **praesentia**, da visibilidade em contato real, com a *presença* de si - a multiplicidade do *eu* - sobre e no mundo, o estar-se em *mundanização*); portanto, a verdade brota na presença entre o ser e o ser-outro (ou outros), em interconexão dialético-dialógica (em contínua inter-relação pela linguagem, no jogo das identidades fluidas e cambiáveis).

Dizendo de outra maneira, as verdades tornam-se não meros efeitos, mas experimentações da totalização do *sendo* num dado histórico, moldadas numa linguagem, presentes na vida humana e na sua existência espaço-temporal (cada lugar, cada época, cada cultura fundou, erigiu, imaginou e levou à cabo o exercício efetivo de suas verdades, adequadas - sob a base conceitual da *adequatio* política, no sentido *corretivo*, com toda carga de vigilância e punição - haja vista as situações, aos acontecimentos factuais como as leis que se adequam aos grandes empresários, aos CEOs, às grandes empreiteiras etc.).

Com os gregos, em especial, com Platão, o termo **ἀλήθεια** designa, antes de tudo, a verdade, a verdade em seu desencobrimento, em seu desvelar: no momento em que se descobre o véu (desvelamento do ser) do ser que, ao sair à luz, à claridade, ao clarão, faz vir aos seus olhos (visão) o real que vem a se apresentar na sua realidade de ser também (*Realität*).

A verdade é o desvelamento de um Ser - descobre-se, vem à cena, a imagem do ser: o desvelamento do que está-aí faz brotar a verdade e, nesse movimento, descobre-se, no duplo significado de descobrir (desvelar e esclarecer), o real, o verdadeiro, o visível, a forma no que ela se apresenta: o constructo existencial que se desdobra em imagem e a realidade à visão de quem vê a verdade que se apresenta. No entanto, a aparência, aquilo que aparece à visão, é a essência do ser? O *sendo* (*Seiende*) do ser se revela na verdade que está na realidade, na interatividade com o outro.

A sociedade pede a verdade, pois sem verdades não há como existir, como conduzir o *ser-aí* no ato de sua existência (*Dasein*) no real. Em outras palavras, a sociedade precisa da verdade para se

¹⁸ Entenda-se a *iluminação* no que concerne à libertação e formação intelectual do ser (*Aufklärung* e *Beleuchtung*); iluminação para educação do ser, no sentido de fazer vir à tona, sob a luz, sob a claridade da razão, a verdade em sua realidade visível: a imagem da luz que incide e faz clarear (à base de uma metafísica, de uma moral). Luz é, então, por extensão, símbolo de saber, educação, poder, que guia o ser (através de sua própria construção moral e cultural).

¹⁹ Verbi gratia, o que é o Ideal Absoluto em Hegel, já no século XIX, se não uma continuidade etimológica e de corrente significação e inter-relação com toda a proposta filosófica metafísica ideológica, encontrada em Platão e em Aristóteles? A verdade é, também, onde se nascem a forma e o sentido (símbolo e significado se jogam), em sua base, em sua capilaridade teórica: a verdade torna-se um ideal (como idealização, como invenção), por um impulso pela centralidade de se ter um bem, uma ordem, um Deus, uma lei que governa, um presidente que sanciona, um corpo de juízes que esculpem o destino das nações. O homem precisa de idealizar a verdade para consagrá-la, torná-la base organizacional

construir, para se solidificar em suas estruturas de organização comunitária e jurídica, dando nova significação a seus pilares morais e culturais. Neste século da diferença, da pluralidade existencial, da multiplicidade de vivências possibilitadas, a vida social pede mudanças em suas raízes ideológicas, mudanças no constructo da memória cultural, do discurso de um nacionalismo (muitas vezes xenofóbico) etc., que moldam e cercam a verdade em sua essência: é o que se pode ver quando se debatem sobre questões de imigração, acesso, trabalho e cultura nos grandes centros europeus.

Por outro viés, a verdade é também uma posse: a do *poder-ser-aquele-que-vê-corretamente*, o que deve ser visto. No entanto, quanta intensidade e malícia há nesse ver *corretamente* o que tem que ser visto! Quantos não morreram na história cultural da nação por não verem *corretamente*?²⁰ Por não estarem aptos a ver, *corretamente*?

Sendo assim, a verdade, em Heidegger, por meio do que se caracteriza uma potencialização discursiva, abre-se em diferenciações: de um lado as verdades universais e de outro as verdades particulares. As verdades universais visualizam-se através e por meio da *physis* (natureza: vê-se aquilo que se é e está no aí, num espaço-tempo de seu acontecimento real). O céu, a vida, o clima, a morte, o nascimento entre tantas outras são verdades universais que se constroem pela experimentação e criação da natureza, aquilo que já é e está em existência na vivência humana.

Já as verdades particulares são as verdades dos seres em sua individualidade (comunidades inventadas, ideologias líquidas, pensamentos, moralidade etc.), muitas das quais se tornam condição *sine qua non* para a própria existência: a religião traduz isso em algumas famílias, como os quakers remanescentes nos EUA; ou o novo frenesi religioso da cientologia e sua interestelar história escatológica.

A verdade, enquanto discurso, só se realiza enquanto uma afirmação/confirmação da existência (na realidade da vida) de algo ou alguém (material, ideológico, cultural) no momento da vigência e da ação (interação) dos seres. Num jogo de essencialização das essências temporais do ser, esse existir é estar-se, pela linguagem, sempre em presença (presentar-se o ser que se é ao mundo, colocar-se em vigência no mundo, pôr-se em estado de percepção, de visibilidade das coisas e dos seres, não um sendo-em-si, já pronto e acabado, que é meramente uma imagem do ser, um receptáculo de informações que não se ligam, mas alienam o próprio ser, o homem) de um outro ser (que propicia o jogo da alteridade - a disputa ideológico-moral).

Dessa forma, como afirmação, como sentença que vale, pode-se dizer, por exemplo, 'Paulo Coelho é o maior escritor brasileiro', 'Nietzsche escreveu a favor do nazismo', 'Televisão tem valor educacional'. Tais afirmações traduzem aquilo que Heidegger chamará de a coincidência da frase: entende-se uma ideia acerca de algo (palavra), pois este algo possui significação no constructo mnemônico e nas práticas de vivência (linguística, cultural, social etc.) do indivíduo (a linguagem é observada como o invólucro do *quantum* de processos identitários e ideológicos presentes no ser), o que não precisamente se traduz com a realidade existencial visível e factual em vigência²¹. Aqueles que dizem essas frases

²⁰ Sobre maiores aprofundamentos sobre o que é a Moral e o certo e errado sob uma visão crítico-teórica, cf.: NIETZSCHE (1988).

²¹ O que não quer dizer que Paulo Coelho seja o melhor escritor brasileiro vivo (ignora-se, assim, Ferreira Gullar, Rubem Fonseca, Adélia Prado etc.), nem que Nietzsche influenciou o nazismo (pensamento forjado pela própria irmã de Nietzsche, Elizabeth Förster-Nietzsche, casada com um nazista; porém, já desmentido por Karl Schlechta, em seus estudos sobre o pensador alemão e por de Müller-Lauter, em *Nietzsche*) ou mesmo que a televisão tenha valor educacional, o que de fato

sentem, percebem, estão em contato com a ideia que lhes vem (no vigor da sensação de um momento em que há um estado de linguagem - no jogo de suas identidades - comum), criando hermeneuticamente significações perceptivas que se traduzam em sentido, ou seja, em valor e em medida - o que traz a verdade como correção. “Verdade significa correção” (HEIDEGGER, 2012, p. 111).

Verdade como correção é, pois, um acontecimento (enquanto discurso) em que se jogam, pela linguagem, as identidades ideológicas e culturais dos seres envolvidos no processo interativo.

Dessa forma, percebe-se que com a sociedade de massas há uma virada significativa do sentido de verdade como *aletheia* (desencobrimento, desvelamento) para o sentido de adequação (*adequatio*, correção). Como a letra da lei, a palavra traz a verdade: o discurso da lei, os muitos códigos legais, a moral na conduta social, o planejamento estratégico da educação de base (do ensino fundamental - como a limitação dos currículos mínimos obrigatórios - ao universitário - no caso, os inúmeros IFs - Institutos Federais de Ensino que espocaram em comunidades mais interioranas, nos últimos 15 anos²²) são exemplos de concretizações (enquanto acontecimentos da realidade, da necessidade de uma realidade social) da verdade.

Sobre o que é a verdade pairam certas questões que se tornam fundamentais para o entendimento do Ser (humano) e da sua ação, enquanto ser que age, que constrói, que pensa, que escreve, que cria, que inova e que reinventa o mundo. É nesse processo que o homem “é exposto e aberto à Soberania do Ser” (HEIDEGGER, op. cit., p. 114)

Todo o questionamento que se volta para descobrir a verdade, a sua essência e o seu valor põe-se num risco: o de tracejar metafisicamente, de um lado a outro da esteira das necessidades do pensar crítico, um centro, i.e., a procura por uma unidade que dê razão à extensão existencial ao mundo - nesta procura pela verdade, pode ser que se enganem os homens e se deixem cair nas malhas dos múltiplos discursos lógicos de poder e pode ser que se guiem somente pelas necessidades do mundo que está-aí-agora. Porém, as possibilidades de vivência se multiplicam num mundo cada vez mais líquido²³, que em fluxo rápido e constante, muda-se, inova-se, quebra-se, refaz-se.

O homem escolhe, na decisão do espaço e tempo de suas vivências, verdades que o seguirão nas suas práticas sociais. O que não quer dizer que estão sujeitas, as verdades, à imanência: as verdades estão em jogo nas realidades da vida social.

O homem (*in casu*, o homem que possui o poder da palavra) está em consonância com o tempo: o ser (*sein*, enquanto possuidor de múltiplas essências que se jogam nas práticas de existência) está no mundo em decisão, em jogo, em *covigência* (HEIDEGGER, op.cit., p. 118-160), em contínua ligação com o tempo (*zeit*²⁴, o tempo como a história das práticas de vida e as possibilidades de ser no mundo).

é irrisória contribuição já que um livro traz mais potencialidades para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo do que quaisquer mídias. O discurso da verdade exige para si uma linguagem da afirmatividade (independente de sua real, física e ideológica, relação com o mundo ou não): a doxa (**δόξα**), a opinião como pressuposto da verdade reina na linguagem. O homem inventa para si seus mitos, suas verdades, sombras e aparências de uma falácia.

²² Para dados - governamentais -, basta acessar <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>>.

²³ Cf.: BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

²⁴ “*Sein und Zeit*” (Ser e Tempo) é uma das obras fundamentais do pensamento heideggeriano. Nela, o leitor encontrará todo o cômputo do trabalho filosófico de profundo conhecimento, ordenação e saber acerca do que é o Tempo (em toda a sua amplitude conceitual, semântica e filosófica - Cf.: HEIDEGGER, 2012a, p. 37-136).

Para Martin Heidegger, falar da verdade é já estar no jogo da identificação com que é a verdade. A pergunta é potencializada: o que se é só se é porque tem em seu momento existencial, tem em si já uma essência (*Wesen*), com todas as suas multiplicidades de valores, sentidos e gostos: é, pois, um ente. Estar em face à pergunta sobre a verdade é estar sobre uma ponte (perigoso caminho, ardilosa travessia), em um momento de *decisão* ou “tudo depende de como nós colocamos a questão da essência, isto é, o que compreendemos propriamente por essência das coisas e como se constitui tal modo de compreensão”. A essência da verdade “só se dá gesto, expressão e sinal entre os homens, porque o homem já existe na linguagem” e por já existir na linguagem, ou melhor, por se reconstruir - suas identidades, suas marcas de vida, suas pluralidades existenciais - em torno da linguagem, o homem, em relação à verdade, escolhe, seleciona, adapta, acredita, visualiza, sente, percebe, prova, corrige e recria-a, pois “a essência da verdade pertence, numa unidade, à essência do ser em geral” (HEIDEGGER, op. cit., p. 99; 118; 130).

Partindo de Heráclito, Heidegger afirma que o ente (*Seiende*), a essência em existência do ser-em-si está em combate contínuo, uma luta em que a essência do ser manifesta-se como todo da totalidade do ser. Luta-se não somente por dominação, supremacia, controle, mas, também, luta-se por demarcação do que se é, pelo direito de identidade, por poder, por potencialização do poder, por exercer a soberania, por mover-se na influência em relação ao outro. No homem, a verdade está em jogo, um combate silencioso - que se inicia desde o próprio silêncio²⁵ do *λόγος*, da palavra.

O termo **Πόλεμος** (leia-se *Polemos*, a guerra, mas como luta, combate, debate, polêmica, discussão, dialética da luta do ser), retirado da escrita de Heráclito, suscita a concepção de que “a essência do ser é a luta; todo modo de ser, todo ser atravessa decisão, vitória e derrota” (op.cit., p. 107).

O que é esse combate? Como se constitui? Quem decide as regras dessa luta? Quem se beneficia com os resultados dessas lutas? Qual a essência dessa luta na construção (contínua reconstrução) do ser (*Sein*)?

Essa luta, essa guerra é a batalha contínua pela potencialidade de promover a existência do ser-aí no tempo livre e aberto da existência (*Dasein*). A humanidade vive à base do conflito (não somente como violência, mas como embate, debate, discurso), da dialética existencial do ser²⁶.

Há, no homem, o que se conhece como a vigência do ser (o poder-ter-direito-a-existir em um dado de vivência existencial) e o vigor da prática (da pragmática, do exercício de vivência em que se jogam as potencialidades do ser - **Πραγμα**, leia-se prágma) marcam a luta que “é necessidade das mais íntimas do sendo em seu todo e por isso se explica com e entre os poderes primordiais” (op. cit., p. 107).

Em suma, a verdade, sob um prisma filosófico, perpassa por uma luta ideológica entre a condição de desencobrimento, desvelamento (forma arcaica, que percorre toda a discussão platônico-socrática) e de adequação, como correção e formação (portanto, como discurso de poder, que é, de fato, mais corrente na contemporaneidade) (op. cit. p. 133; 297).

²⁵ A palavra tem sua origem no silêncio, como irrupção do silêncio (quebra por violência do som - explosão do ar), de forma que a palavra venha trazer, à percepção, a visualização do ser, do ente dito em sua essência: o homem diz ‘Amor’ e traduz-se, a si, mentalmente a ideia pela palavra, criando, com as suas percepções e sua capacidade mnemônica, a conceptualização da palavra ‘Amor’ em seu ser: esse processo é o processo de essencialização do *sendo* (do ente, *seiendes*) em sua totalidade.

²⁶ Simbolicamente, não há como se negar: todos lutamos, diariamente, para e pela verdade do que somos e do que almejamos ser.

VERDADE, LINGUAGEM E A ARTE

A verdade se reconstrói pela linguagem e pela essência do sendo. A essência de verdade, é, pois, uma adequação da própria linguagem.

Hoje, adequação pode ser lida pelo prisma da formação, da construção do pensamento (fala-se, portanto, de adequação como *modus*, orientação, princípio da formação educacional do homem): educa-se para a verdade, dando valor à palavra, à linguagem da razão, *mutatis mutandis*, valor à linguagem da ciência, do saber, da técnica e do conhecimento.

A questão 'o que é o homem' precisa ter seu ponto de partida lá onde, segundo a aparência mais rudimentar, mesmo a mera interpelação discursiva e a mera denominação do ente pelo homem se alça como uma humanização de todo ente: a questão precisa começar pela linguagem (HEIDEGGER, 2010, p. 281)

Não há ser, em cuja essência, o ente (*sendo, Seiende*) não seja uma representação de uma decisão, de uma escolha. A verdade (*Wahrheit*), na decisão de cada movimento da existência, alicerça-se na essência do ser (e essa essência não é nenhum *em-si*, pronto e acabado, mas uma luta pelo poder *ter* mais poder), do homem, em sua multiplicidade, interligando a essência à pluralidade da existência do mundo. *Ser, verdade e mundo* estão em *essencialização*, em constante resignificação de suas próprias estruturas e relações.

O termo *essencialização* adquire em Heidegger, no seu livro memorável "Introdução à Metafísica", valores existenciais. Essencializar é possibilitar a algo a essência de estar e apresentar-se em algo. Ao se essencializar, o ser que adquire a essência, adquire, também, as marcas do processo de essencialização que lhe aprouve. Ser (no sentido de *φύσις*) e verdade se imbricam: "Pois a essencialização grega da verdade só é possível em união com a essencialização grega do Ser (...) o ente enquanto ente é verdadeiro; o verdadeiro é, como tal, ente (...) a verdade pertence à essencialização do Ser" (HEIDEGGER, 1965, p. 129).

O homem imagina o mundo (maleável, no caso), dá-lhe formas, modificando as estruturas e valores, criando, dessa forma, espaços novos de realidades novas. O que são as construções da arquitetura contemporânea, o design interno das casas e a mutabilidade decorativa a não ser essa espacialização (numa linguagem estética e artística) do material, do ser, da coisa? Ao essencializar o ser, essencializa-se a verdade do ser e moldam-se as identidades do *ser-aí (Dasein)*. Em outras palavras,

[...] a caracterização da verdade como correção desloca a verdade para a sentença (...) a sentença vale [...] o ser verdadeiro da sentença, ao mesmo tempo, é e decide sobre o ser das coisas. O sentido do sendo, do que é e está sendo, não é senão o ser verdadeiro, da verdade das sentenças que dele valem [...] não é a verdade que funda o ser, mas o ser, na verdade.[...] (HEIDEGGER, 2012, p. 134).

Como conceito, ideia, assim como enquanto marca temporalizada da formação cultural do ser nos mais variados contextos (que são, senão, momentos específicos, momentos em que ocorrem os

*acontecimentos apropriativos*²⁷) de inserção, produção e recepção, a verdade tem um domínio, um lugar sobre o qual ela transita, ou melhor, flutua: a linguagem.

Nesse domínio, a verdade caracteriza-se tal como discurso de poder que (entremeando-se no imaginário social, por meio das múltiplas e variadas formas de interação dos seres) joga com as pluralidades cognitivas. A verdade é cambiável, em fluxo, deslizante, combatente, em flexível mutabilidade e constante mudança de mãos (o atual estado de calamidade pública da economia brasileira é a tradução disso).

Como domínio superior do ser, a linguagem existe com, na e pela verdade, porque possui, antes de tudo, estruturação, construção e organização da *γράμμα* (leia-se gramma: a necessidade da ordenação linguística que constituiu, posteriormente, as gramáticas normativas das línguas ocidentais).

É na discursividade da linguagem, na produção do discurso (em toda a máxima de carga semântica que a palavra 'discurso' puder conter, i.e., discurso como toda e qualquer manifestação de linguagem que se determine pela estrutura de linguagem - verbal, escrita, gestual, simbólica, audiovisual - assim como se expanda a conceitos mais abrangentes, perpassando por áreas do saber, v.g., o discurso da História, o discurso da filosofia, o saber da biotecnologia, o conhecimento matemático, o pensamento hegeliano, a ideologia marxista etc.), que a verdade dá seus passos à realização da vida em suas multiplicidades.

Onde a linguagem adquire seu *quiditas*²⁸? Na arte. A verdade da essência do ser, em constante essencialização de si, transparece-se na verdade da arte.

É na poesia que a potencialidade da palavra e da linguagem, enquanto constituinte basilar da verdade, operacional em transfiguração do real, em transgressão dos sentidos humanos, em inventividade e criação.

Observe-se:

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

²⁷ É no meio que os homens se descobrem, formam-se, habilitam-se, constroem-se enquanto seres cognoscentes.

²⁸ A *quiditas* (quididade) deve ser um conceito de atenção redobrada em Heidegger, pois alia-se à pragmática, a um processo de funcionalidade do equilíbrio vital (a harmonia) que cria valor (a essência necessária que dá significado ao sendo), possibilitando-lhe as multiplicidades de vozes da alteridade: o valor de essência - no caso de ser material, há sentido de uso; no caso humano, cognoscência e formação do ser - e o valor de existência - a prática plural de vivências múltiplas em espaços contextuais específicos, em sua pluralidade). Para aprofundamentos teóricos, vale também a consulta a ABBAGNANO (1998).

Thaumazein, Ano VII, v. 9, n. 18, Santa Maria, p. 97-121, 2016.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(GULLAR, 2001, p. 165-166)

A arte poética sopra aos ouvidos as verdades em suas múltiplas intensidades. Se há poder na arte é a de elevar a condição do *ser-só-mais-um* (massificado, consumido, em *degenerescência*) para *ser-pensante*, ou *ser cognoscente*, capaz de ir além de si, de seus limites morais e cognitivos.

Na arte, instauram-se, dessa forma, os jogos de poder em que se disputam as verdades (as quais se encontram em constante dialética ideológica), demarcando espaços reais, i.e., espaços poéticos que se tornam visíveis: o branco açúcar, o a mercearia, a usina, o açucareiro, Ipanema etc. As palavras criam - por meio do jogo simbólico da construção, elaboração, imaginação e constância poética - a verdade.

É na arte que a verdade transparece-se como crítica à constituição do ser (do homem em suas multiplicidades essenciais em conflito com a existência) em seu tempo. Com e pela arte, o homem não só dialoga, mas embate-se, conflita-se, oficializa os seus espaços na corrente do tempo, permanece na luta pelo apelo ao poder-ter-a-voz.

O choque, o “*épaté*” (a pancada ao estilo baudelairiano) da palavra vem à tona, com suas mil tonalidades interpretativas: há os lugares distantes que surgem e imputam, à sensação imagética, a verdade social, onde não há o mínimo do necessário à vida.

A verdade está na linguagem, não em consolidação imanente, mas como revitalização, como potencialização do sentido. Nietzsche afirmou que toda palavra é um preconceito (NIETZSCHE, 2007).

O que isso diz? Antes de tudo a palavra não surge do nada, não vem ao acaso, por hocus-pocus ou quaisquer charlatanices do pensar e alquimias científicas forjadas. Ela é, antes, uma invenção consensual em um dado momento da história cultural e local de uma determinada comunidade linguística. A palavra, assim, é um *pré* (primária) + *conceito* (razão, saber), uma primária apresentação simbólica (sonora, verbal, gestual, escrita) de um ser (enquanto ideia). Por isso, afirma-se, à sombra de Nietzsche (vale ressaltar que a filosofia nietzschiana é recorrente referencial na escritura de Martin Heidegger), que não há *ser-em-si*, não há *coisa-em-si*, mas tudo torna-se na *deveniência*, cuja potencialização é contínua e mutável: tudo de tal forma manipulado, inventado, construído e se refazendo - verdades tais constructos simbólico-representacionais que se direcionam na interpretação, na valoração dos seres através do poder da linguagem.

Assim, **λόγος** é a palavra: com a lógica vem toda a potência do cálculo, da inteligibilidade e racionalidade da palavra. A palavra abre o caminho da verdade, como chama, sol, luz e aquiescência. Mais uma vez, de onde? O homem sai de onde? De sua caverna, de sua escuridão do saber, da razão. O mito da caverna de Platão desdobra-se, mais uma vez, à cena da contemporaneidade.

Com isso, afirma-se: a verdade está na linguagem.

Em contínua reestruturação de si mesma, a palavra escrita (em toda a sua estruturação linguística, seu significante e significado) funda o tempo da memória na cultura e na moral: a linguagem traça a narrativa da história.

Sem a arte literária, sem a resistência pela verdade através da palavra, do trabalho do fazer poético, o silêncio (de instrumento de cognição para a formação cognoscente do ser) torna-se um elemento, meio para o exercício do poder de censura (o que pode ser o silêncio pela e da extorsão, o silêncio que alimenta a violência).

A história ditatorial do Brasil, dos anos 60 até à votação para presidente em 1989, suplementada e suportada pela Constituição (a Carta Magna), conta-nos exatamente o que quer dizer esse silêncio-violência. Ou, para dizer de outra forma, “a possibilidade do silêncio é, pois, a origem e o solo da linguagem” (HEIDEGGER, 2012, p. 119).

A VERDADE E O ΜΥΘΟΣ PLATÔNICO

Em “Vom Wesen der Wahrheit”, Heidegger, após uma introdução em que explana coerente e simbolicamente os conceitos-chave da filosofia que se direciona a investigar os caminhos da verdade, da essência e do ser, apresenta uma análise da *Politeia* de Platão, das figuras alegóricas, presentes no mito da caverna²⁹.

Em seu curso, Martin Heidegger, ao falar sobre a verdade, direciona toda a sua conexão filosófica ao conceito de ‘homem’ (ou melhor, Heidegger quer entender o processo que faz o conceito de homem estar ligado à verdade do ser, mas não sob uma ótica determinante, categórica, de busca de respostas metafísicas; mas numa visão vanguardista acerca do homem, do ser humano em relação ao tempo e ao espaço da invenção, formação e construção das verdades).

²⁹ A alegoria representativa que Platão apresenta está no Livro VII da sua **Πολιτεία** (A República). Nele, Sócrates expõe a Glauco o mito da caverna.

Quando trata do “homem”, Heidegger está suscitando a ideia de formação do caráter da identidade do ser, pelo questionamento das palavras *essência* e *verdade*: o filósofo perpassará pela análise conceitual da palavra *verdade* (uma jornada decisiva em busca das relações simbólicas, dos jogos históricos, das inter-relações significativas, das interpretações e interpenetrações de sentidos; numa análise não diacrônica, mas genealógica³⁰ da potência significativa que vem com o termo grego *verdade*), seguida por uma teorização em torno da linguagem enquanto base (a verdade começa na linguagem) e uma análise interpretativa em que se configura o mito (**μυθος** enquanto discurso histórico-ideológico e simbólico-cultural) e a simbologia da caverna de Platão (na qual o pensador alemão destaca 04 passagens - denominadas de os “04 estágios do acontecimento da verdade”³¹ - para se entender o que é o processo de construção do sentido da *verdade* em uma das cenas literárias mais emblemáticas da história da Filosofia).

Para se falar e pensar a verdade deve-se sair numa jornada ao processo histórico da própria organização do pensamento ocidental: a tradição filosófica socrático-platônica.

Heidegger sabia disso, tanto que analisa, com desenvoltura, em quatro partes, toda a estruturação simbólica do mito da caverna platônica (representativo de toda a tradição da filosofia socrático-platônica).

O filósofo assim divide essa passagem de Platão, presente no livro VII da República, nos seguintes estágios: a) a situação do homem na caverna; b) a libertação do homem na caverna; c) a liberação, propriamente, dita do homem para a luz; d) a revisão e a descida de volta tentada para a presença na caverna. Esses quatro estágios, segundo Heidegger, denotam a passagem conceitual da verdade como **ἀλήθεια** (desvelamento, desencobrimento) para *adequatio* (correção, a norma, a lei, a regra).

Na caverna, o homem vê a imagem, a sombra, a representação do real, mas sem mexer-se, sem poder reagir, pois seu pescoço está agrilhado, suas mãos algemadas. Não há luz, há sombra. A cena é decisória: o homem preso a ver apenas uma imagem (a sombra) do que ele é, sem ao menos ver o que ele é (suas potencialidades do existir, seu ultrapassar-se pela vida). Na caverna, o homem não tem existência à luz do sol, ele é - imagina-se - como sendo da própria sombra: observe que há, com isso um jogo vital entre razão (luz) e ignorância (escuridão) - é a tarântula socrática que tece suas teias.

Fora da caverna, o que se primeiro vê? A iluminação do mundo. Vem o Sol e todo o **οὐρανιος τοπος** (*ouranios topos*, o lugar de iluminação, o *locus* em luz) se ilumina, à luz de si: o Sol enquanto ser que oferta com a luz (metáfora da razão, da *ratio*) a visibilidade para os seres, para as coisas e para o mundo (pela luz, a aparência e a sombra se diluem, pois o homem, sob a luz do Sol, vê a realidade em sua visibilidade, a realidade em sua consonância com o que se é: a verdade na sua realidade existencial).

A visibilidade é o resultado do desvelamento da verdade: ao sair de sua (própria e íntima) caverna (do desconhecimento de tudo), o homem descobre e redescobre, pela luz da iluminação do Sol (mais uma vez, a metáfora da razão - da luz da racionalidade - como resultado de uma visão heliocêntrica), o mundo, a variabilidade (diferença e igualdade) dos seres; não mais imagens representativas, mas descobrem-se os seres pela iluminação. A verdade está no desencobrimento pela luz (do saber, da razão e do conhecimento).

³⁰ O processo de análise filosófico genealógico não só mantém-se na conquista da origem do ser, mas dos diálogos, dos processos, dos envolvimento, das identidades em jogo que vêm com a origem.

³¹ HEIDEGGER, 2012, p. 137

O homem precisa da iluminação do saber para poder estar-se de que forma? Livre, liberto, capaz, potente, independente cognitivamente? A própria conceituação de iluminação que na fala de Sócrates soa como 'habituar', 'formar', 'educar'. "Terá [o homem], creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior" (PLATÃO, 1997, p. 227). Habituar a ver é, tão somente, estar condicionado (moralmente, culturalmente, socialmente) a entender o mundo (interpretar o mundo sob o jugo das identidades em jogo).

Platão usa de imagens significantes cuja simbologia é determinante para nossa compreensão: fala, pois, em Sol, Lua, corpos celestes, fogo, iluminação, clareza - o que leva à percepção da razão - de um lado; de escuridão, caverna, sombra - a ignorância e a completo isolamento. Heidegger percebe isso: o mito da caverna é o mito da própria construção da verdade no sendo em sua totalidade - o mito narra da história da verdade, enquanto percepção das imagens (aletheia) e normatização da vida humana (sob a égide metafísica, a adequação do ser ao mundo).

Um exemplo: na contemporaneidade, o conhecimento (em sua generalidade, abrangência humanitária, diplomação e especificação técnica), a necessidade uma boa formação acadêmica e de uma estrutura organizacional na construção de uma carreira profissional já são mais do que requisitos fundamentais para o fortalecimento da vida humana.

Com quais meios o homem se liberta ou ao menos consegue atingir os primeiros passos para fora da caverna de sua escuridão intelectual, onde só há o aprisionamento do ser cognoscente?

Com a arte (entendida numa plurissignificação entre a criatividade inovadora que potencializa a essência do ser e da multiplicidade de construções - materiais, físicas, arquitetônicas, linguísticas, legais etc. - que circundam a humanidade em seu tempo e local de cultura.

E a liberdade da verdade? E a vontade de liberdade da verdade?

Na arte (na poesia, em especial) a palavra se liberta. O ser, em mutabilidade constante, redescobre-se em suas múltiplas modificações e estruturações ideológicas. O heterônimo Álvaro de Campos, do poeta lusitano Fernando Pessoa, assim expressa sobre o ser, o Eu, o homem em sua identidade plurivalente, no impactante poema *Lisbon revisited*, datado de 26 de abril de 1926:

Nada me prende a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anseio com uma angústia de fome de carne
O que não sei que seja -
Definidamente pelo indefinido...
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

Fecharam-me todas as portas abstratas e necessárias.
Correram cortinas de todas as hipóteses que eu poderia ver da rua.
Não há na travessa achada o número da porta que me deram.

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta - até essa vida...

Thaumazein, Ano VII, v. 9, n. 18, Santa Maria, p. 97-121, 2016.

Compreendo a intervalos desconexos;
 Escrevo por lapsos de cansaço;
 E um tédio que é até do tédio arrojando-me à praia.
 Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia sem leme;
 Não sei que ilhas do sul impossível aguardam-me naufrago;
 ou que palmares de literatura me darão ao menos um verso.

Não, não sei isto, nem outra coisa, nem coisa nenhuma...
 E, no fundo do meu espírito, onde sonho o que sonhei,
 Nos campos últimos da alma, onde memoro sem causa
 (E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas),
 Nas estradas e atalhos das florestas longínquas
 Onde supus o meu ser,
 Fogem desmantelados, últimos restos
 Da ilusão final,
 Os meus exércitos sonhados, derrotados sem ter sido,
 As minhas cortes por existir, esfaceladas em Deus.

Outra vez te revejo,
 Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
 Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
 Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
 E aqui tornei a voltar, e a voltar.
 E aqui de novo tornei a voltar?
 Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
 Uma série de contas-entes ligados por um fio-memória,
 Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?

Outra vez te revejo,
 Com o coração mais longínquo, a alma menos minha[...]
 (PESSOA, 2000, p. 124)

A humanidade numa multiplicidade de existências variadas: *Uma série de contas-entes*, uma confluência de essências do ser que se jogam nos discursos simbólicos que cercam a vida em seu existir no mundo (*mundanização*), traçando para si as marcas de vivência e de experiência: a linguagem da vida em sua verdade diz que há o diferente, a alteridade e, nela, soerguem as potencialidades da existência em sua liberdade total. O homem constrói com a linguagem a verdade de sua vivência. Hoje, os dados da vida estão rolando, cada vez mais rápidos e fugazes, já que imperam a instantaneidade e a necessidade de se estar sempre em evidência como exigências para o próprio ser no mundo³².

Quais *caminhos-a-se-seguir* são ofertados e quais preciosas escolhas se marcam como severamente decisivas? Para onde o homem pode *se tornar*? Como propiciar - não o aprimoramento do

³² As inúmeras mídias sociais, de relacionamento traduzem essa necessidade de estar-se sempre *on*, presente; em que as relações tornaram-se instantâneas.

homem (num sentido em que implicaria na conceituação de uma série de jogos entre dados simbólicos como 'bom' e 'ruim', 'certo' e 'errado', 'melhor' e 'pior', 'justo' e 'injusto', que são, pois, os traços de uma moralidade) - a superação dos limites, das barreiras morais e físicas, as quais suprimem a liberdade criadora e a vontade de poder ser livre? Como fortalecer o homem, não aprimorá-lo à guisa de morais de rebanho, mas o fortalecimento contínuo do ser, de modo que o propicie a superar a luta (**Πόλεμος**) com o mundo, com as coisas, com a vida e tornar-se um ser cognoscente³³?

A abertura da pergunta já traz em si as possibilidades: ir para além sempre de si, das prisões ideológicas, das arestas culturais e da descontextualizada moralidade que não condizem com as práticas e experiências de vida contemporânea. Porém, ir como, para onde, por quê? Com que armas? Com quem? Com que sentido, afinal?

A *verdade* não é o prêmio no fim da pista que condecora a vivência ou o pote de ouro por detrás do arco-íris. Uma jornada, uma meta e uma disputa: a verdade se faz como regra condutora da vida, regra imaginada, moldada, condensada e fixada no imaginário comunitário e cultural - feito ideia (enquanto pensamento), inventada para o 'melhor' funcionamento do corpo social. Mas tudo *o que é bom* é bom para quem? Com que finalidades? Aliás, é preciso mesmo que inventemos necessidades, finalidades, compromissos para saldar nossa dívida para com a realidade da vida?

Vida de verdade, vida pelas verdades só é possível se for continuamente repensada, reavaliada e, de certa forma, reinventada, (a vida como condição, questionada sempre em suas ações morais, culturais, sociais e históricas) enlevando, tão somente, a possibilidade de poder ser, antes de tudo, vida livre e aberta, na abertura da existência do *sendo* (*Seiende*) em sua totalidade com as realidades do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações são necessárias para que se realize o entendimento do processo de pesquisa, aqui, empreendido. Primeiro, buscou-se analisar a questão da *verdade* em suas conexões com a conceituação terminológica grega e determinadas correlações semânticas. Em seguida, denotou-se que a verdade constitui-se enquanto discurso: a própria realização do real pela e da linguagem do ser, o que levou à demarcação da pluralidade simbólica - artística, cultural, múltipla etc. - que conduz e essencializa a ideia conceitual da palavra *verdade*. Numa última etapa, apresentou-se uma análise do mito da caverna de Platão, tendo como cerne perspectivístico a visão da *verdade* (do jogo plurissignificativo que envolve a aceitação de *verdade*, entre desencobrimento e correção, como condicionamentos que moldaram os milênios da história ocidental pela *moral*) como a questão nevrálgica acerca da formação (moral, cultural e histórica) do próprio ser, do homem.

Assim, pode-se asseverar que a verdade é um constructo (mutável e maleável, cambiável, em jogo, em fluxo, líquido e voraz) ideológico que demarca espaços de disputa através dos discursos de poder, dentro de determinados contextos culturais.

³³ Ser cognoscente como um ser que se move (que está presente na movimentação e nos acontecimentos do saber), não pela lei e pela regra da moralidade disfarçada em verdade necessária e vital à existência, mas um ser que se move pela total liberdade de poder mover-se, com as potencialidades capazes de torná-lo o que ele virá-a-ser: um ser cuja potência dá-lhe a possibilidade de viver pela liberdade de poder questionar os valores da própria vida em suas verdades idealizadas.

A *verdade* é a linguagem do ser: nela, na *verdade*, o homem descobre-se (*aletheia*) e se forma (*adequatio* e *bildung*). Essa passagem - do desencobrimento à adequação - do conceito de verdade moldou e organizou, nas palavras de Heidegger, “A filosofia de Platão” que “não é senão a luta dessas duas concepções de verdade. O desfecho desta luta determinou a história do espírito dos milênios vindouros” (HEIDEGGER, 2012, p. 137).

No entanto, como fica a contemporaneidade? Qual o valor do sentido de verdade, por extensão, dos conceitos de homem, de cultura, de educação, de saber e de moral que vêm por detrás da palavra *verdade*, no tempo da informatização das massas?

O homem vive pela verdade - produzimos e somos levados a sempre (re)produzir e confirmar a verdade na nossa existência, na interação entre os corpos sociais, entre os discursos ideológicos e as ações fundamentais.

Em outras palavras, a verdade é para o homem inescapável. Vivemos na realidade, porque a produzimos suficientemente (necessária por vezes, excessiva por outras) para a autoconservação de nossas próprias práticas reais de vivência. A verdade, enquanto discurso e realização do real (material, físico, psicológico), é, ao ser, fundamento (*grund*): ponto de partida para a interação com o mundo, com a vida em sua abertura.

O homem mudou e Edgar Morin (2002, p. 57), num das maiores guias da educação contemporânea, “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, assim, asseverou:

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissermos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes [...]

A quem está confiado o destino de ver e perceber, com a luz e a claridade da razão, a verdade para levar a vida livre ao homem?

O intelectual, o pensador, o filósofo, o educador: aquele que detém as habilidades para inquirir o momento. O filósofo é o libertador e tem seu destino no acontecimento da vida humana - sua meta não pode ser ancorar-se em fórmulas pré-concebidas sobre a vivência, mas, sim, destinar-se a se jogar, com toda a potência de sua linguagem e de seu saber (entremeado pela sua formação, moral e identidade cultural), na multiplicidade da existência humana em mundanização (HEIDEGGER, 2012, p. 190).

Ora, deve-se, pois, com e a partir do pensamento filosófico de Martin Heidegger, considerar que a verdade é a potencialização realizada do jogo da linguagem humana. De outra forma, a verdade é a linguagem do sendo na sua totalidade.

A humanidade em transformação é a realidade de nossa temporalização da vida, cada vez mais fluido, em que as próprias relações humanas, interpessoais, afetivas, sociais e culturais vivenciam a sua *decadence*. Para onde, então, o ser traçará seu caminho?

O Ser é uma simples palavra e sua significação um vapor, ou constitui o destino individual do ocidente? (...) Quando o mais afastado rincão do globo tiver sido conquistado tecnicamente e explorado economicamente; quando o tempo significar apenas rapidez, instantaneidade e simultaneidade e o tempo, como História, houver desaparecido da existência de todos os povos; quando o pugilista valer, como o grande homem de um povo; quando as cifras em milhões dos comícios de massa forem um triunfo, - então, justamente, então continua a atravessar toda essa assombração, como um fantasma, a pergunta: para que? para onde? e o que agora? (HEIDEGGER, 1965, p. 64-65)

Foi dado a nós, educadores da contemporaneidade, neste tempo totalizado de instantaneidades e 'agoras', uma missão: não há direcionamentos (muitos dos quais, nem nós mesmos sabemos, para onde findarão!) sem valores em jogo (sem a verdade em sua polivalência estar sempre na linha de frente da luta, da disputa ideológica pelo poder); não há verdades imutáveis que predeterminem a existência do ser; por isso, é a tarefa do educador (por extensão, do filósofo, do pensador, do artista, do intelectual, enfim, de todo aquele que possui a força para promover a vida em sua liberdade de poder ser viva) possibilitar ao futuro (com todo o seu quantum de incertezas), aos homens do futuro o seu direito de poder ter a acessibilidade ao conhecimento, ao *livre* conhecimento, que é, senão, o mais claro, justo e humano escudo, capaz de (à luz da razão, da sabedoria e da libertação) fortalecer o ser, superpotencializando a vivência.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad.: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 29-60.

_____. **Metafísica**. Trad.: Edson Bani. São Paulo: Edipro, 2012.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Trad.: Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad.: Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad.: Roberto C. de M. Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad.: Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.

GIDDENS, A. **As Consequências da modernidade**. Trad.: Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Trad.: Emmanuel C. Leão. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1965.

_____. **Nietzsche**. Trad.: Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: GEN/Forense universitária, 2010.

_____. **Ser e verdade**. Trad.: Emmanuel C. Leão. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Universitária São Francisco, 2012.

_____. **Ser e Tempo**. Trad.: Fausto Castilho. Campinas/Petrópolis: Unicamp/Vozes, 2012a.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo/Brasília: Cortez/ Unesco, 2002.

MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Trad.: Clademir Araldi. São Paulo: UNIFESP, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da Moral: um escrito polêmico**. Trad.: Paulo C. Souza. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **O viajante e sua sombra**. Trad.: Antonio C. Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

_____. **Fragmentos Póstumos**. Trad.: Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: GEN/Forense universitária, 2013. v. VI.

PESSOA, Fernando. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Globo/Klic, 1997.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

REGALA JR., Renato Marcelo. As perspectivas críticas sobre o sujeito, a linguagem e a identidade em F. Nietzsche, M. Heidegger e J. Derrida. In: **Revista Transformar**, v. I, n. 7, p. 273-287, dez. 2015.

